



Antigo Prédio do DOPS, atual
Memorial da Resistência



O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) foi criado em 1924 e correspondia a unidades da Polícia Civil de cada estado, responsáveis desde seu início pela vigilância e repressão sobre os movimentos sociais e sindicais no Brasil. Especialmente a partir de 1968, o DOPS recrutou para as atividades de captura, tortura e execução de opositores do regime os policiais com destaque na busca de criminosos comuns, vinculados ao “Esquadrão da Morte” então liderado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. Em São Paulo, O DOPS foi fechado em 1983, tendo suas instalações próximas à Estação da Luz se convertido no Memorial da Resistência a partir do ano de 2002.

A **Operação Bandeirantes (Oban)** foi criada em junho de 1969 no âmbito do II Exército (São Paulo), com o objetivo de identificar, localizar e capturar militantes considerados “subversivos” pelo regime. A Oban foi composta por membros do Exército, Marinha e Aeronáutica, policiais federais, agentes do Serviço Nacional de Inteligência (SNI) e policiais do Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Oficialmente sem dotação orçamentária, a Oban recebeu recursos de empresas privadas brasileiras e de multinacionais, estruturando-se a partir de 1970 nos DOI – CODI (Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna).



Vista das instalações da Operação Bandeirantes, no bairro do Paraíso, em São Paulo





Integrantes da CPI da Vala de Perus investigam a Fazenda 31 de Março em busca de corpos (1991)



Durante a década de 1970 multiplicaram-se também os **Centros Clandestinos de Detenção (CCDs)**. A Comissão Nacional da Verdade listou 21 destes centros, operando em 9 estados (Rio de Janeiro, São Paulo, Pará, Minas Gerais, Pernambuco, Goiás, Bahia, Ceará, Sergipe). Dentre os principais centros clandestinos em São Paulo, estão a (a) Fazenda 31 de março, em Parelheiros, no extremo sul da Grande São Paulo, onde há indícios de que foram enterrados corpos de militantes, a (b) Fazenda da Rodovia Castello Branco, na cidade de Araçariguama, a (c) Casa de Itapevi, na cidade de Itapevi, (d) a Casa no bairro Ipiranga, na cidade de São Paulo.

Dentre as valas clandestinas destaca-se a **Vala de Perus**, localizada no Cemitério Dom Bosco criado em 1971 no bairro de Perus na periferia de São Paulo. Em 09/1990, durante a prefeitura de Luiza Erundina, foi ali descoberta uma vala clandestina de onde foram retirados 1049 sacos com ossadas não identificadas. Apenas em 2014 foi formado o Grupo de Trabalhos Perus (GTP), integrado pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), pela prefeitura da cidade de São Paulo e pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), comprometido com a identificação dos remanescentes ósseos.



Cemitério Dom Bosco, em Perus



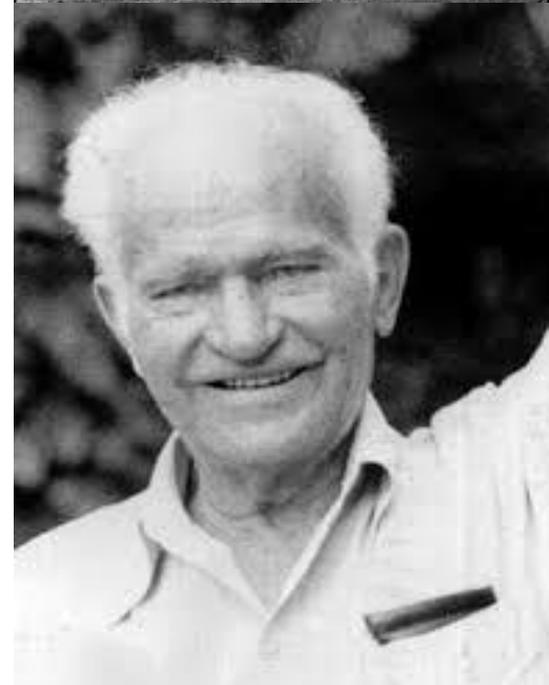
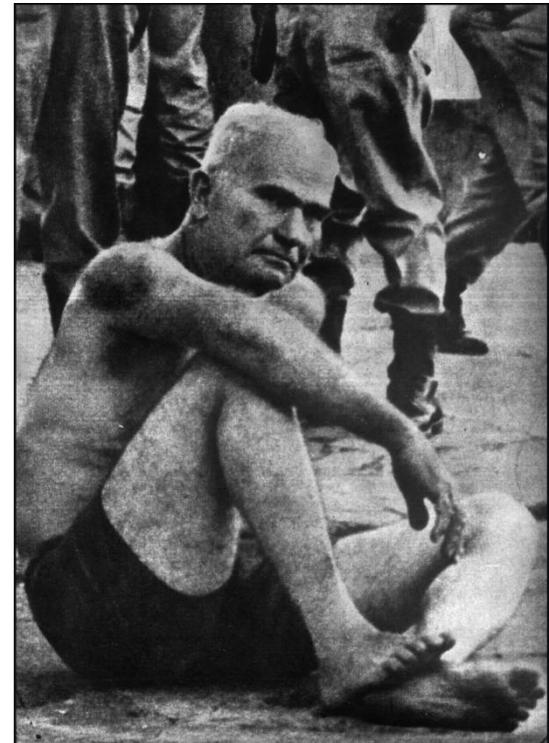


Os ditadores do Chile, Augusto Pinochet, e da Argentina, Jorge Videla.



A **Operação Condor** foi uma articulação político-militar firmada oficialmente em 1975 entre Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia e Brasil, todos sob regimes militares. Seu objetivo era a caça a opositores políticos a partir do compartilhamento de informações dos sistemas de inteligência e da ação conjunta das forças de repressão desses países. No Brasil, o chamado “sequestro dos uruguaios” foi um exemplo emblemático de seu funcionamento: Em 11/1978, o casal uruguaio de ativistas Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz e seus dois filhos, Camilo, 8 anos, e Francesca, 3 anos, foram sequestrados em Porto Alegre em uma operação conjunta entre militares brasileiros e uruguaios

O primeiro momento de tortura conhecido durante a ditadura ocorreu já em 02/04/1964 com o líder das Ligas Camponesas **Gregório Bezerra**. O coronel Darcy Villocq ordenou que Bezerra fosse amarrado em um jipe e arrastado por soldados pelas ruas de Recife, enquanto seria agredido e xingado, como forma de humilhação. Depois disso, ele ainda foi espancado por um oficial do Exército com uma barra de ferro. As imagens da terrível cena foram transmitidas pela TV no então Repórter Esso. Bezerra ainda foi submetido a sessões de coronhadas e teve seus pés queimados com soda cáustica. Em 1969, militantes opositores ao regime sequestraram o embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick e pediam a libertação de 15 presos políticos, sendo Gregório Bezerra um deles.



Entre 1964 e 1968, foram torturados e mortos 34 opositores do regime. Morto a tiros dentro do Quartel General da 5ª Zona Aérea em Canoas (RS) quatro dias depois do golpe de 31/03/1964, o tenente coronel da Aeronáutica **Alfeu Alcântara Monteiro** foi reconhecido em 2019 pela Justiça Federal como a primeira pessoa assassinada pela ditadura militar. A versão oficial afirmava que Monteiro teria sido morto por legítima defesa pelo coronel Roberto Hipólito da Costa, após resistir a prisão por se opor ao golpe. Ao todo, o golpe de 1964 atingiu cerca de 6.300 outros integrantes das Forças Armadas com prisões, cassações e demissões.



Justiça reconhece 1ª vítima da ditadura, um militar morto 4 dias depois do golpe

Contrário à conspiração que derrubou Jango, tenente-coronel foi assassinado em Canoas (RS)

15 ANOS DO GOLPE

Alfeu Alcântara Monteiro morreu 4 dias depois do golpe militar iniciado em 31 de março de 1964, que cercou os anos em Canoas (RS), a primeira cidade do Rio Grande do Sul de Alfeu Alcântara Monteiro e considerado a primeira pessoa a ser assassinada pela ditadura militar.

Em 2019, o juiz federal Alfeu Alcântara Monteiro reconheceu a morte do tenente-coronel como legítima defesa do coronel Roberto Hipólito da Costa, após resistir a prisão por se opor ao golpe.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.



Truck do Exército diante do Maracá, no Rio, no dia 31 de mar 1964, quando teve início o golpe. Agência O Globo/Arquivo

“Zona Aérea em Canoas, o tenente-coronel Alfeu Alcântara Monteiro foi morto a tiros dentro do Quartel General da 5ª Zona Aérea em Canoas (RS) quatro dias depois do golpe de 31/03/1964, o tenente coronel da Aeronáutica Alfeu Alcântara Monteiro foi reconhecido em 2019 pela Justiça Federal como a primeira pessoa assassinada pela ditadura militar. A versão oficial afirmava que Monteiro teria sido morto por legítima defesa pelo coronel Roberto Hipólito da Costa, após resistir a prisão por se opor ao golpe. Ao todo, o golpe de 1964 atingiu cerca de 6.300 outros integrantes das Forças Armadas com prisões, cassações e demissões.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Após ser ferido, ele foi levado ao Hospital Militar de Canoas (HM) e morreu em 4 de abril de 1964.

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.



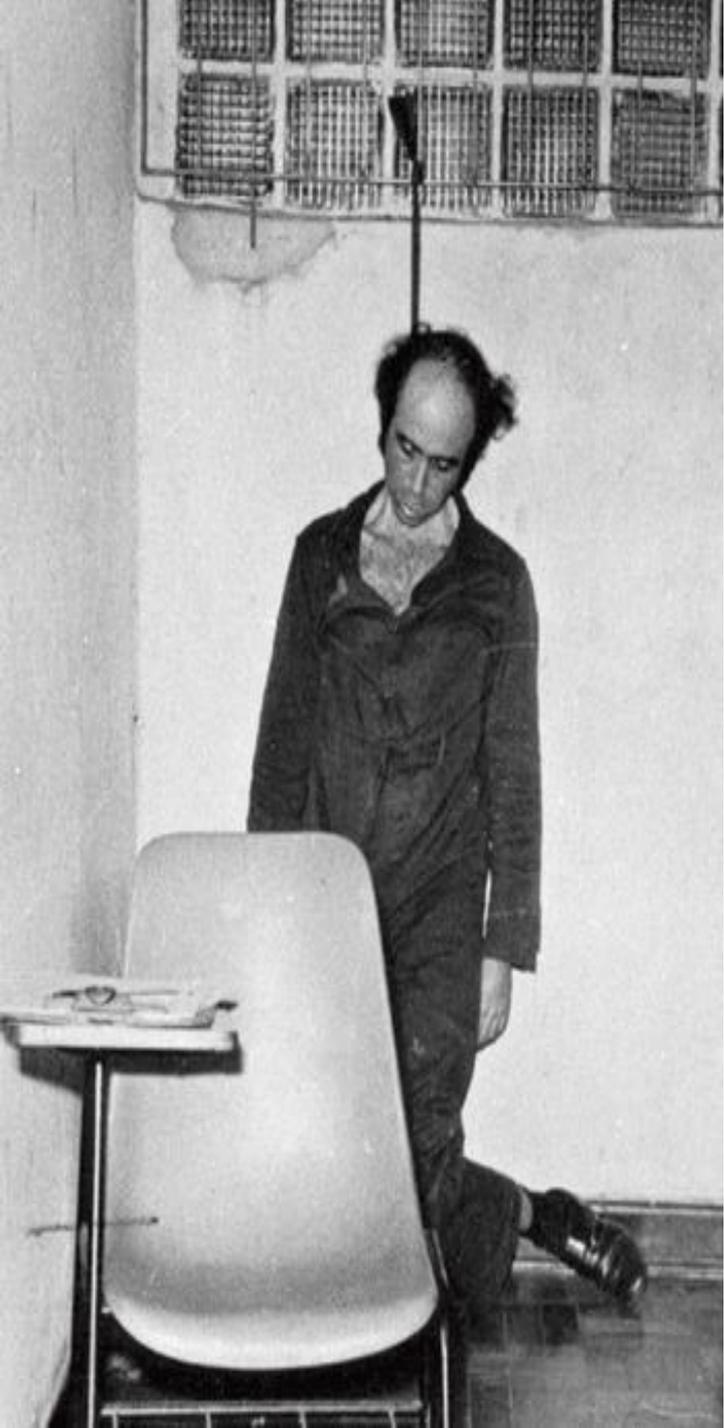
Alfeu Alcântara Monteiro

Monteiro não era o primeiro a morrer em Canoas, mas o primeiro a ser reconhecido como vítima da ditadura. Ele morreu em 4 de abril de 1964, quatro dias depois do golpe.

Alexandre Vannucchi foi preso por sua participação na Ação Libertadora Nacional (ALN). De acordo com lideranças do movimento estudantil, no dia 16/03/1973, Vannucchi teria sido levado ao DOI-CODI, onde foi torturado durante dois dias até não resistir e morrer. De acordo com o governo na época, ele teria sido atropelado por um caminhão ao tentar fugir das instalações onde se encontrava detido. Em 30/03/1973 foi celebrada missa em sua intenção na Catedral da Sé, na presença de cerca de cinco mil pessoas. O Diretório Central dos Estudantes da USP, primeira agremiação independente organizada durante a ditadura militar brasileira, leva o seu nome.



os alunos da
geologia usp
convidam vs. para
a missa de 7: dia de
alexandre vanucchi leme
dia 30 às 18:30 hs.
na catedral da sé
sp 27/3/73



Vladimir Herzog era diretor de jornalismo da TV Cultura quando foi convocado por agentes do II Exército para prestar depoimento sobre ligações com o Partido Comunista Brasileiro. O depoimento de Herzog foi realizado sob tortura, confirmada por outros dois jornalistas presos, George Benigno Duque Estrada e Rodolfo Konder. Em 25/10/1975, Vladimir foi oficialmente "encontrado enforcado com o cinto de sua própria roupa". Embora a causa oficial do óbito, divulgada pelos órgãos de repressão da época, seja suicídio por enforcamento, há consenso na sociedade brasileira de que ela resultou de intenso processo de tortura realizada por servidores do DOI-CODI.

Manuel Fiel Filho foi um operário metalúrgico morto sob tortura durante a ditadura militar. Foi preso em 16/01/1976 ao meio-dia, na fábrica onde trabalhava, a Metal Arte, por dois agentes do DOI-CODI/SP, sob a acusação de pertencer ao Partido Comunista Brasileiro. No dia seguinte os órgãos de segurança emitiram nota oficial afirmando que Manuel havia se enforcado em sua cela com as próprias meias, naquele mesmo dia 17, por volta das 13 horas. O corpo apresentava sinais evidentes de torturas, em especial hematomas generalizados, principalmente na região da testa, pulsos e pescoço.

